

FEMINISMO ESPECULATIVO NAS VEREDAS PÓS-CORRELACIONISTAS

Ana Paula Lemes
de Souza
Mestra em direito pela
Faculdade de Direito do Sul
de Minas (FDSM)
annapaulals@ymail.com

Speculative feminism in post-correlationist paths

RESUMO

Recebido: abril 26, 2019

Aceito: março 10, 2020

Este trabalho discute novas possibilidades do feminismo no movimento filosófico denominado realismo especulativo, na vertente de Quentin Meillassoux, de forma a oxigenar a epistemologia feminista contemporânea, que se encontra em clausura metafísica. Se, pré-Kant, o feminismo se encontrava enclausurado na postura objetivista, com a essencialização da mulher como imperfeita, por outro lado, pós-Kant, a mulher se encontra reduzida à verdade subjetivista da ordem epistêmica, gerando outras essencializações. O artigo propõe nova visão para se pensar o feminismo pós-correlacionista, com a ascensão de outra forma de reflexão ontológica: através da *cosmologia*, uma compreensão do sexo, do gênero e da sexualidade nem melhor e nem pior, mas apenas diferente, que provoca a reontologização das ciências humanas pelo reconhecimento de outras grafias e modos de existência.

Palavras-chave: Epistemologia e ontologia feminista; Pós-correlacionalismo; Realismo especulativo.

Abstract

This paper discusses new possibilities of feminism in the philosophical movement denominated speculative realism, in the Quentin Meillassoux's perspective, in order to oxygenate contemporary feminist epistemology, which is in metaphysical closure. If, pre-Kant, feminism was enclosed in the objectivist position, with the essentialization of women as imperfect, on the other hand, post-Kant, women are reduced to the subjectivist truth of the epistemic order, generating other essentializations. The article proposes a new vision to think post-correlational feminism, with the rise of another form of ontological

Entre os feminismos pré-Kant, que enclausuraram a mulher como imperfeita, e os feminismos pós-Kant, que a enclausuraram como correlato, escolhemos não estar nem cá e nem lá, quem sabe perdidos nas delícias de um labirinto, nas curvas possíveis das veredas pós-correlacionistas, este espaço curvilíneo do pensamento que engloba grande número de autoras e autores cujos escritos se bifurcam em outros, então outros e outros...

reflection: through *cosmology*, an understanding of sex, gender and sexuality neither better nor worse, but only different, that provokes the reontologization of the human sciences by the recognition of other spellings and modes of existence.

Keywords: Feminist epistemology and ontology; Post-correlationalism; Speculative realism.

INTRODUÇÃO

Se o eterno Manoel de Barros¹ usava a palavra para compor seus silêncios, estes escritos se compõem dos interstícios, dos silêncios dos entres. Assim como o poeta não gostava das palavras, “fatigadas de informar”, não gostamos dos lugares, fatigados de enclausurar. Entre os feminismos pré-Kant, que enclausuraram a mulher como imperfeita, e os feminismos pós-Kant, que a enclausuraram como correlato, escolhemos não estar nem cá e nem lá, quem sabe perdidos nas delícias de um labirinto, nas curvas possíveis das veredas pós-correlacionistas, este espaço curvilíneo do pensamento que engloba grande número de autoras e autores cujos escritos se bifurcam em outros, então outros e outros...

Os caminhos nos quais este ensaio se perde são as possibilidades do feminismo no movimento filosófico denominado realismo especulativo, na vertente pós-correlacionista de Quentin Meillassoux², de forma a oxigenar a epistemologia feminista contemporânea, que se encontra em clausura metafísica. A herança dupla que recorta o artigo se dará em dois momentos: pré-Kant, com a dogmática metafísica, e pós-Kant, com a metafísica do correlato, típica do paradigma antropocêntrico, problematizado por autores contemporâneos como Bruno Latour³, Isabelle Stengers⁴, Donna Haraway⁵ e, no Brasil, Eduardo Viveiros de Castro⁶ e Stelio Marras⁷.

¹ BARROS, 2006.

² MEILLASSOUX, 2014; 2015.

³ LATOUR, 1991.

⁴ STENGERS, 2005.

⁵ HARAWAY, 2008.

⁶ VIVEIROS DE CASTRO, 2018.

⁷ MARRAS, 2018.

De um lado, a essencialização da mulher no banquete socrático, diálogo entre homens no universo próprio da política platônica, em que Eros é apresentado como a prática filosófica que elimina a mulher⁸. Eros é a atração pelo corpo belo masculino, algo além da beleza sensível que impulsiona o pensamento rumo à beleza ideal. O corpo é um lugar de passagem e Eros é o método, caminho retilíneo para a verdade, que sobrepõe o mundo das ideias ao mundo sensível. Se a parcialidade do saber é o desejo erótico pela filosofia, a vereda do feminino platônico é a via oposta à perfeição do pensar, anti-filosofia, filha imperfeita e abortada.

A invenção sociossexual da mulher nas ciências humanas se deu nesses vieses: ao sair do modelo absolutório socrático, esbarrou-se com Kant e entranhou-se no correlacionismo antropocêntrico, em que a mulher está reduzida à verdade subjetivista da ordem epistêmica, sujeita a outras essencializações. Ocorre que a passagem de um estágio a outro não se deu por supressão ou abandono, mas por arranjos, séries de domesticações mais ou menos sutis, mútuos empréstimos e termos de convivência.

Na tendência objetivista, ser mulher advém do espaço antiepistêmico da ordem da natureza ou da biologia, típica das ciências modernas positivistas, que se apropriaram da biologia vitalista do século XIX⁹. De outra parte, na tendência subjetivista, a invenção da mulher não pode ser outra. senão a da ordem epistêmica, que é inventada por processos biopsicossociais de codificações e decifrações, postura dominante nas feministas pós-estruturais, como em Judith Butler¹⁰, para quem a linguagem produz e constrói o sexo.

Entre verdades e ficções, como pêndulos, existem variantes perante essas posturas, já que as diferenciações, que nunca cessam de se diferenciarem, são fornecidas e construídas em contextos sócio-histórico-culturais diversos, inclusive entre homens e mulheres, atravessadas por questões como o colonialismo, o patriarcalismo e o capitalismo, consideradas, ainda, as dimensões biopsicossociais,

⁸ As mulheres que se retirem do banquete, porque vamos filosofar! É o que diz Erixímaco, que sugere que “mandemos embora a flautista que acabou de chegar, que ela vá flautear para si mesma, se quiser, ou para as mulheres lá dentro; quanto a nós, com discursos devemos fazer nossa reunião hoje; e que discursos – eis o que, se vos apraz, desejo propor-vos”. PLATÃO, 1995.

⁹ LEMES DE SOUZA, 2018, p. 87.

¹⁰ BUTLER, 2015, p. 11.

para falar com Lemes de Souza¹¹. Contudo, as amarrações metafísicas se enlaçaram sob o enfoque do “absoluto”, tanto na dogmática metafísica como na metafísica do correlato. Em uma, a filha fiel, na outra, a filha raivosa, que, embora se rebele, no fundo é como o pai.

No recorte deste trabalho, os rearranjos se deram pela posse da “verdade”. Para o objetivista, é a posse ou o domínio da verdade objetiva, enquanto para o correlacionista subjetivista, a mulher é ficcionada como verdade, ela se torna pura ficção para, através do poder ou outra palavra, ser definida. Pelos dois lados, há a posse e a tensão da verdade, seja pela metafísica filosófica essencialista ou pela metafísica do correlato¹² – esta última, típica do correlacionismo de matriz *kantiana*.

Na postura objetivista, pensa-se o ser desconectado do pensamento, mas essencializa o ser, enquanto na subjetivista, conecta-se o ser e o pensamento, mas se essencializa o correlato. São como pares simétricos espelhados que enxergam no outro o irmão gêmeo maligno, mas, ao buscarem a ruptura, repetem o gesto. O teatro e a encenação possuem suas variações espaço-temporais, mas as amarrações não se perguntam a si mesmas, elas não se interrogam. As verdades se simulam nas dobras metafísicas ou epistemológicas, como encenações obsoletas que ecoam aporéticas.

No objetivismo, a ontologia como verdade, no subjetivismo, a episteme. Trocados os atores, não há fôlego possível a ser tomado. Diante desse cenário, a hipótese central do artigo se dá pela propositura de oxigenação do pensamento através do feminismo pós-correlacionista, nem kantiano e nem platônico, mas com a ascensão de outra forma

¹¹ LEMES DE SOUZA, 2018.

¹² Rafael Lazzarotto Simioni classifica essa metafísica como pertencente ao “paradigma da *différence*”, sistema de pensamento gerado no âmbito da filosofia pós-estruturalista francesa, a partir de 1968, que se baseia na promoção da diversidade. Segundo o autor, os desdobramentos se deram a partir de Michel Foucault, Maurice Blanchot, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida e Pierre Klossowsky, que constituem o núcleo duro desse sistema de discursividade que compõe a episteme do pensamento contemporâneo e funciona como amarração metafísica de validade. Para ser válido e aceito, o pensamento deve ser construído com base na promoção da diferença. O paradigma da *différence* também encontra seu paradoxo, pois, ao promover a divergência, não tolera qualquer tentativa divergente de afirmação da divergência, aceitando algumas formas de diversidade, mas não todas. Discordamos da nomenclatura e do recorte de autores, embora concordemos com a presença da metafísica do correlato. Por isso, optamos por falar em “correlacionismos”, com inspiração em Meillassoux e não em “paradigma da *différence*”. Cf. SIMIONI, 2018; MEILLASSOUX, 2015.

Este trabalho inaugura novos possíveis para o feminismo, de forma a evitar o risco de substituição do esquema essencialista metafísico dogmático por outro, o essencialista subjetivista, fazendo a seguinte provocação: frente ao realismo especulativo, como pensar nas ciências humanas a questão da mulher e de que modo isso impacta nas relações discursivas e metodológicas?

de pensar a ontologia: a *cosmontologia*¹³, um modo nem melhor e nem pior de pensar sexo, gênero e sexualidade, mas apenas diferente, que provoca a reontologização das ciências pelo reconhecimento de outros modos de existência.

A busca pela realidade da construção mulher será como percorrer os jardins do conto *borgiano*¹⁴, que abriga o labirinto simbólico de Ts'ui Pên, no qual as veredas se bifurcam e os homens se perdem. No caso, as veredas pós-correlacionais e pós-antropocêntricas possibilitam a identificação de outras grafias. Sua originalidade se revela na leve aspiração que norteará os seus rumos: a desconfiança de que, aos serem decompostos os sentidos, resta apenas o real como contingência. E, para chegar a nada, deve-se *descobrir a verdade: descobri-la*, retirar a sua veste, para falar novamente com o poeta Manoel de Barros¹⁵. Ao fazê-lo, ontologia e epistemologia se confrontam, pois a verdade despida é a realidade como teoria do ser, em mundos nos quais os enredos acontecem e outros nos quais eles potencialmente não se realizam. Estruturas de sentido que, por meio das tensões internas entre ausências e presenças, conceituam a legalidade de objetos, por meio de regimes de sentido, produções de verdades e formulações de realidades.

Este trabalho inaugura novos possíveis para o feminismo, de forma a evitar o risco de substituição do esquema essencialista metafísico dogmático por outro, o essencialista subjetivista, fazendo a seguinte provocação: frente ao realismo especulativo, como pensar nas ciências humanas a questão da mulher e de que modo isso impacta nas relações discursivas e metodológicas?

Para respondê-la, pretende-se: a) descrever de que maneira a filosofia pré-crítica e a pós-crítica pensaram a questão da mulher e como isso impactou na teoria feminista; b) investigar as possibilidades pós-correlacionistas, notadamente o feminismo especulativo; c) especular a *cosmontologia* feminista e suas implicações teórico-metodológicas.

A pesquisa se propõe a especular feminismos nas veredas pós-correlacionistas, de modo a compreender, em termos

¹³ Neologismo da autora.

¹⁴ BORGES, 2005.

¹⁵ BARROS, 1997.

*epistemontológicos*¹⁶ a sua possibilidade pós-*virada* especulativa, especificamente orientada pelo método materialista especulativo de Quentin Meillassoux.

1. AS VEREDAS CORRELACIONISTAS

Pode-se dizer que no período pré-crítico havia a absolutização da substância, enquanto que na filosofia pós-crítica houve a absolutização da correlação.

O período pré-Kant estava sublinhado pela clausura metafísica do dogmatismo idealista, que pensava na entificação absoluta do ser, não apenas no aspecto do Ente Absoluto primeiro como Deus perfeito, mas também a conversão de toda necessidade de um ente determinado como absolutos derivados¹⁷. Com a absolutização de Deus, o sistema patriarcal colocou o homem como aquele que tinha a sua imagem e semelhança, e a mulher como distante dessa imagem, ocorrendo a absolutização da mulher ligada à imperfeição e à debilidade¹⁸.

Perante o regime da necessidade absoluta, presente na metafísica dogmática¹⁹, a construção da mulher era absoluta. Ser mulher era algo determinado que devia ser sempre e absolutamente como era e, como era conectada, frente à teoria do sexo único, à força débil, como o homem ao avesso, a absolutização da mulher se deu como *imperfeita*. Isso foi chamado por Meillassoux²⁰ de necessidade real, o regime ontológico presente na metafísica que se pretenda dogmática, que sustenta que qualquer coisa determinada deve ser absolutamente como tal, o que deriva do princípio da razão, concebido por Leibniz, mas colocado em prática por Immanuel Kant, que é a concepção de que tudo deve ter uma razão necessária de ser assim mais do que de outra maneira.

Para os gregos, a ideia de “*physis*” ou “*natureza*” tinha uma raiz profunda. Esta natureza se referia ao incognoscível da realidade,

¹⁶ Neologismo da autora, empreendido pelos caminhos que se fazem possíveis *entre* a epistemologia e a ontologia: nem só epistemologia e nem só ontologia.

¹⁷ MEILLASSOUX, 2015, p. 59-60.

¹⁸ LEMES DE SOUZA, 2018, p. 57 e 171.

¹⁹ MEILLASSOUX, 2015, p. 60.

²⁰ MEILLASSOUX, 2015, p. 60.

de onde advêm todas as coisas e para onde estas iriam retornar. No plano da metafísica, “*physis*” se relacionava à essência que constituía o plano da realidade determinada e estável, podendo-se falar, inclusive, na *juridificação* da natureza: na obediência às leis da natureza como fixas e rígidas. Apesar de durante o medievo ter sido abolida a ideia de leis naturais, consideradas como heresias, foi René Descartes na Renascença quem reformulou o conceito de lei, e, de forma subsuntiva, o absoluto como ente necessário.

Esse era o cenário cartesiano pré-Kant, conforme Meillassoux²¹: a absolutização de Deus, o primeiro absoluto, e a absolutização dos entes com o alcance puro da matemática, os absolutos derivados. Nesse modelo absolutório metafísico, aparece a ideologização do sexo e do gênero como o desenho dos corpos em respeito a essa lógica. Como tudo deve ser absolutamente como é, compreende-se por ideologia a entificação absoluta do ser metafísico em respeito à lógica harmoniosa do princípio da razão e da prova ontológica, entendendo que o ente deva existir incondicionalmente e necessariamente como é.

Esse cenário passou a ser questionado especialmente por Immanuel Kant, que concebeu a sua crítica contra a prova ontológica, presente no pensamento cartesiano, pela demonstração de que uma situação social apresentada como absoluta é absolutamente contingente, não havendo a necessidade absoluta ou necessária. O ataque à metafísica dogmática consistiu em demonstrar a produção ilusória de entidades necessárias²², a exemplo, a questão da mulher, com a entificação da identidade como absolutamente necessária através da ontologia da diferença sexual. Com visão crítica ao período anterior, gênero passou a ser compreendido como a projeção da ideologização das diferenças sexuais, produção sociocultural resultante da naturalização e essencialização do sexo como pertencente à ordem superior e pré-discursiva²³, resultado da demarcação simbólica promovida pelo patriarcado enquanto ente absoluto derivado; o mecanismo de produção social do sexo que gera estabilidade pela matriz heterossexual, dando fixação e coerência à oposição hierárquica homem/mulher. Nessa visão, o

²¹ MEILLASSOUX, 2015, p. 55.

²² MEILLASSOUX, 2015, p. 62.

²³ LEMES DE SOUZA, 2018, p. 75.

gênero se produzia enquanto repetição de atos, gestos e signos, o que reforçava a construção dos corpos em respeito ao absolutismo cartesiano dogmático – um ato intencional e performático²⁴, que produzia significados.

A crítica kantiana, ao atacar a metafísica dogmática, ampara-se tanto no rechaço do princípio da razão quanto no da prova ontológica, mostrando que nada é absolutamente necessário ser de um modo em preferência de outro²⁵. A epistemologia feminista, orientada pelo correlacionismo fraco kantiano, demonstra que a mulher não deve ser absolutizada, pois é produzida por condições sociais específicas, a personalidade é diferente da forma corporal e as distinções entre os sexos não podem pertencer à natureza, mas às condições sociais que as produziram.

Contudo, ao sustentar a contradição lógica de Descartes como impossível e incognoscível, esse rechaço ao princípio da razão sustenta, ao mesmo tempo, que ela é pensável, momento em que Kant adquire duas proposições que, apesar de serem colocadas contra o absoluto, também são absolutistas: a primeira delas é que a *coisa em si* não é contraditória, a segunda é que existe por certo uma *coisa em si*, pois, do contrário, não existiriam fenômenos sem que algo lhes desse causa²⁶.

Com o correlacionismo forte, representado, especialmente, pela filosofia analítica e fenomenológica de Wittgenstein e Heidegger, compreende-se que o mundo é decidível pela sintaxe lógica²⁷ e as diferenças entre os sexos passam a ser entendidas como decididas pela estrutura social, pela comunicação etc. A epistemologia feminista correlacionista, ao não pensar na existência fora da correlação mundo/referente, seja qual for esse referente, repete o movimento essencializador e, apesar de se colocar contra a ontologia, gera consequências ontológicas, porque troca o enunciado metafísico do absoluto pelo enunciado de que, se o ente é perceptível ou decidível de tal maneira, então essa é a condição mais profunda,

²⁴ Gêneros, para Judith Butler, é a transformação cultural da polissexualidade na heterossexualidade, que é comandada pela cultura, criados por atos ou performances sociais contínuas. Essa concepção levou ao feminismo contemporâneo sugerir o abandono do uso de gênero, a exemplo de Heleieth Saffioti. Cf. BUTLER, 2015, p. 134 e 244; SAFFIOTI, 2004.

²⁵ MEILLASSOUX, 2015, p. 60.

²⁶ MEILLASSOUX, 2015, p. 58.

²⁷ MEILLASSOUX, 2015, p. 73.

geral ou original de tal relação²⁸, como o poder, a linguagem, dentre outros.

A teoria feminista correlacionista cria a absolutização do correlato em substituição ao absoluto cartesiano, ficando a teoria em disputa sobre qual o correlato mais essencial ou sofisticado. Há, igualmente, destaque da postura correlacionista, que questiona a subordinação das mulheres perante discursos cartesianos dogmáticos de natureza, mas cria outros absolutos. Pode-se citar em Alexandra Kollontai²⁹ e em Heleieth Saffioti³⁰ a luta de classes, em Simone de Beauvoir³¹ a existência em substituição à essência metafísica dogmática, em Carole Pateman³² o contratualismo opressor sexual, em bell hooks³³ a opressão interseccional de gênero, raça e classe, em Nancy Fraser³⁴ o capitalismo globalizante, em Judith Butler³⁵ e Michel Foucault³⁶ o poder, em Jacques Derrida³⁷ o falocentrismo, dentre outros.

Duas decisões dos correlacionistas impactam diretamente nesse cenário. A primeira é o primado do correlato que, do contrário do realismo especulativo, não permite pensar na entidade sem pensamento, ou no que pode haver na hipotética ancestralidade, quando não há o pensamento³⁸; a segunda decisão é a absolutização da própria correlação, porque se acredita, ao mesmo tempo, na impotência da separação entre objetividade e subjetividade e na potência da relação mútua.

Nas teorias feministas mais atuais, os correlacionistas absolutizaram o correlato, com destaque para o poder na quarta onda feminista, marcadamente, pós-estruturalista,³⁹ o que gera enorme contradição, porque, ao mesmo tempo em que os correlacionistas se colo-

²⁸ MEILLASSOUX, 2015, p. 76.

²⁹ KOLLONTAI, 1977.

³⁰ SAFFIOTI, 2013.

³¹ BEAUVOIR, 1967; 1970.

³² PATEMAN, 1993.

³³ HOOKS, 2000.

³⁴ FRASER, 1997.

³⁵ BUTLER, 2015.

³⁶ FOUCAULT, 1998; 1999; 2005.

³⁷ DERRIDA, 1992; 2005; 2013A; 2013B; 2014.

³⁸ MEILLASSOUX, 2015, p. 66.

³⁹ Notadamente em FOUCAULT, 1999 e BUTLER, 2015.

cam contra o inimigo externo fácil, que é o realismo, eles incorporam em suas semânticas o inimigo interno mais difícil de ser combatido, que é o esquema subjetivista metafísico, transformando a *coisa em si* em pura facticidade⁴⁰.

O feminismo correlacional, nessa perspectiva, contenta-se em captar as bordas, permitindo, por outro lado, a sustentação de ideias totalmente despidas da logicidade, como no *Bestiário*, conto de Julio Cortázar⁴¹, no qual se deve conviver no mesmo território que um feroz tigre. A narrativa é contada pelos olhos de Isabel, de férias na casa dos Funes, família que convive com a fera e, para evitá-la, apenas utiliza os cômodos onde ela não está, através de esquemas de observação que evitam o encontro. O correlacionismo, ao evitar os cômodos já ocupados pelo tigre, que é filosofia pré-crítica, apenas evita que eles se encontrem. Um pequeno erro nessa sistemática faz com que, ao final da história, o personagem Nenê seja devorado pelo tigre. O correlacionista forte, pela absolutização do correlato, alimenta a besta, pois, ao não extirpar o tigre, experimenta a sua invasão indireta e mais eficaz.

Isso gera um cenário muito problemático, o fortalecimento do discurso fundamentalista de ódio ao feminismo, no sentido da recuperação do *mýthos* em contraposição ao *lógos*, no qual os correlacionistas são acusados de promoverem nova ideologização. Ao criticarem na filosofia pré-Kant a ideologia dos sexos, criam a ideologização absolutista do regime do correlato. Esse discurso não pode ser compreendido como um devir da filosofia, mas sim como o efeito próprio do discurso correlacional, porque, ao fazer desaparecer o pensamento no absoluto, não desfaz o absoluto mesmo, propiciando o retorno do religioso por um argumento renovado da crença cega⁴². A posição correlacionista se privou de críticas à irracionalidade e, igualmente, ofereceu o correlato como a única forma de se chegar ao absoluto. Ao mesmo tempo em que destrona a absolutização da mulher como imperfeita, apresenta novos correlatos absolutos para a produção de diferenças entre os sexos.

⁴⁰ MEILLASSOUX, 2015, p. 68 e 71.

⁴¹ CORTÁZAR, 1986.

⁴² Cf. MEILLASSOUX, 2015, p. 78, 84 e 85.

O correlacionismo tem alimentado o tigre da casa dos Funes: resta o pequeno e sistemático erro, que, cedo ou tarde, acontecerá e, assim como Nenê, o feminismo correlacionista será subitamente devorado pela filosofia pré-crítica.

2. AS VEREDAS PÓS-CORRELACIONISTAS

O correlacionista se tornou o novo sofista: no correlacionismo, o homem, através da linguagem, das instituições, dos dispositivos de poder, dos sistemas ou outro nome para o absoluto, torna-se a medida de todas as coisas e qualquer pensamento que busque pensar o ser fora do pensamento é taxado de ingênuo ou pueril⁴³.

No paradigma correlacionista pós-Kant, tenta-se fugir do essencialismo metafísico socrático, contudo, elegem-se as decisões de sentido como o próprio absoluto – que se sustenta na univocidade de sentido, com a negação completa do real⁴⁴. Como visto, tal postura não desconecta a realidade da verdade, mas assume a paradoxal assertiva da verdade do correlato. Isso foi problematizado a partir da aceitação de que a linguagem marca o lugar em que se estrutura esse real, de que exerça o espaço de sua codificação, mas sem absolutizá-lo, vereda que tem sido tomada pelos “novos realismos”, inclusive, pelo realismo especulativo, que agora interrogamos sobre a possibilidade de um feminismo e suas implicações teórico-metodológicas.

Esse estilo de pensamento que retorna às ontologias é encontrado, além do realismo especulativo, também no realismo crítico de Roy Bhaskar⁴⁵ e, conforme Marras⁴⁶, no campo antropológico, citam-se as contribuições das abordagens de rede sociotécnica dos *science studies*, as etnografias multiespécies, o cognitivismo distribuído e a antropologia da percepção.

A reascensão da metafísica e da ontologia coloca em discussão o paradoxo da hegemonia da pluralidade – pode o plural ser hegemônico, sem deixar de ser plural? – e, igualmente, traz à tona a constatação da conexão íntima/sexual entre política e epistemologia, por isso,

⁴³ MEILLASSOUX, 2014, p. 10.

⁴⁴ BADIOU; CASSIN, 2013, p. 15.

⁴⁵ BHASKAR, 1975.

⁴⁶ MARRAS, 2018, p. 258.

Esse trabalho investiga a diferenciação homossexual da mulher, em sua formação endógena e exógena, em suas potências significativas, sobre as condições de possibilidade e formação genealógica que a tornam possível enquanto esquema de sentido, após a totalidade de formação de sentido exógena provocada pelos filósofos contemporâneos correlacionistas, sem escorregar no retorno à metafísica grega.

Viveiros de Castro⁴⁷ sugere o colapso entre epistemologia (linguagem) e ontologia (mundo), com a emergência da ontologia prática.

Mas os novos realismos não se irão contentar com as implicações epistemológicas, desejando, igualmente, as implicações ontológicas, pois pressupõem dois lados: o primeiro se trata do argumento puramente epistemológico, com a contestação da absolutização correlacional e da crença na potência constitutiva da relação mútua⁴⁸, o que originou, em segundo momento, o questionamento das suas implicações prático-discursivas, para além de questões teóricas ou metodológicas.

Esse trabalho investiga a diferenciação homossexual da mulher, em sua formação endógena e exógena, em suas potências significativas, sobre as condições de possibilidade e formação genealógica que a tornam possível enquanto esquema de sentido, após a totalidade de formação de sentido exógena provocada pelos filósofos contemporâneos correlacionistas, sem escorregar no retorno à metafísica grega.

Se nas veredas correlacionistas de Martin Heidegger⁴⁹, a linguagem confere o Ser à Coisa, através da locução correlacional entre Ser e Linguagem, tal compreensão foi problematizada pelos novos realistas, para os quais a linguagem não é tão poderosa a ponto de criar a realidade, ela apenas assinala as diferenças⁵⁰. O realismo, na virada especulativa, tenta fazer a desconstrução da desconstrução, pois, segundo essa concepção, o relativismo é o gêmeo univitelino da virada linguística, pois torna as não verdades igualmente verdades.

O realismo especulativo tenta combater tanto o dogmatismo ideológico cartesiano quanto o fanatismo cético correlacionista⁵¹. Enquanto o dogmatismo idealiza o gênero e o sexo, entificando o sujeito necessário, o correlacionismo forte absolutiza a diferença, convertendo-se em fanatismo. A tarefa do realismo especulativo é achar um pouco do absoluto, o suficiente, para evitar aqueles que se acreditam os depositários exclusivos do absoluto, o que ocorre com ambos os grupos.

⁴⁷ VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 94.

⁴⁸ MEILLASSOUX, 2015, p. 30.

⁴⁹ HEIDEGGER, 2003, p. 126.

⁵⁰ BADIOU, 1996, p. 47.

⁵¹ MEILLASSOUX, 2015, p. 85.

Se, pré-Kant, a mulher era essencializada como imperfeita, naturalizando a diferença sexual sob o signo do absolutismo ingênuo, pós-Kant surge novo requisito ontológico: ser é ser um correlato⁵². Quanto à mulher, só pode assim ser se for correlativa, seja ao poder, que molda as identidades através do dispositivo histórico da sexualidade⁵³, seja à relação assimétrica inaugurada pela construção e fixação sistêmica de sentidos históricos⁵⁴ ou seja ao erro de leitura que a dissimulou⁵⁵. As possibilidades correlacionais são infundáveis!

O realismo especulativo, ao questionar o correlacionismo, não deseja a volta da absolutização do ente, como a mulher, mas busca a necessidade absoluta que não reconduza ao dogmatismo, à necessidade da entificação⁵⁶ que se guie pela descrença na validade incondicionada do princípio da razão, prova ontológica ou interpretações correlacionais, pois nem todo absoluto é dogmático e nem toda especulação realista é metafísica⁵⁷.

A tarefa do realismo é pensar no absoluto não metafísico⁵⁸, através da especulação, já que, para falar com Karl Popper⁵⁹, um enunciado científico é verdadeiro até que possa ser superado, ascendida pela provocação de que determinada realidade exista em termos de propriedades primárias independentemente do observador⁶⁰.

Quanto às implicações prático-discursivas, o realismo especulativo permite a compreensão de que todo modelo de realidade depende de uma imagem ou de uma teoria⁶¹, sendo possível a realidade dependente do modelo matemático que, como sistema simbólico, é sempre incompleto⁶². Tanto o observador quanto o observado são partes da realidade objetiva, mas essas realidades objetivas passam pelo observador, que, através de estruturas interpretativas, enxerga a realidade por diferentes perspectivas, não se podendo

⁵² MEILLASSOUX, 2015, p. 53.

⁵³ Como em FOUCAULT, 1999.

⁵⁴ Como em LUHMANN, 1988.

⁵⁵ Como em DERRIDA, 2005.

⁵⁶ MEILLASSOUX, 2015, p. 62.

⁵⁷ MEILLASSOUX, 2015, p. 62-63.

⁵⁸ MEILLASSOUX, 2015, p. 88.

⁵⁹ POPPER, 1975.

⁶⁰ MEILLASSOUX, 2015, p. 39.

⁶¹ HAWKING; MLODINOW, 2011.

⁶² GÖDEL, 1992.

absolutizar o correlato, já que todos são possíveis, a depender do modelo adotado.

Pela física quântica, ficou demonstrado que não é possível ter determinação certa, a natureza é extremamente imprevisível e, ainda que as leis aplicadas gerem probabilidades diversas, essas são, em muitos casos, imprevisíveis, especialmente, em casos de sistemas abertos⁶³, regulados por múltiplas interações, o que parece ser o caso das questões do sexo: uma regularidade empírica, mas de prováveis indeterminações.

O observador interage com o objeto observado – nas experimentações quânticas, a observação no presente interfere no passado das partículas, e, seja qual for a observação do presente, o passado inobservado só existe como espectro de possibilidades, não existindo único passado ou história, mas sim a soma de todas as possibilidades, cada qual com uma probabilidade própria⁶⁴, como no romance *borgiano* de Ts'ui Pên que inspira o título, no qual todos os caminhos se bifurcam.

Então, o absoluto realista de Meillassoux⁶⁵ é a *irrazão* inerente pela qual a falta de razão é a propriedade última do ente, a propriedade ontológica absoluta e não – ao contrário do correlacionista – a marca da finitude do saber. A facticidade se torna a propriedade real da coisa, de ser sem razão e sem razão se tornar efetivamente outro – porque nada tem razão de ser ou seguir sendo assim mais do que de outra maneira, tudo pode colapsar, astros, leis físicas ou leis lógicas. Esse é o absoluto reivindicado por Meillassoux, o absoluto com marcas da filosofia quântica.

A diferença marcante do realismo especulativo para o correlacionismo é essa: enquanto para este o ser-todo-outro é a marca do possível da ignorância, para o filósofo especulativo o absoluto é o possível real da possibilidade de todas as opções, como de muitas outras, transformando o ser-todo-outro no signo do saber e não da ignorância, porque advém da possibilidade de não ser⁶⁶, da ausência do ente e, por consequência, da separação das esferas da subjetividade e objetividade.

⁶³ HAMLIN, 2008.

⁶⁴ FEYNMAN; HIBBS; STYER, 2010.

⁶⁵ MEILLASSOUX, 2015, p. 91.

⁶⁶ MEILLASSOUX, 2015, p. 96.

O realismo permite a análise das diferenças sexuais perante a ideia de que o próprio pensamento é aleatório; sendo assim, como pensar nas diferenças sexuais no momento sem pensamento?

No caso do feminismo, o absoluto de ser mulher é não ter correlato absoluto e, na ausência de uma única teoria correta, deve-se compreender que cada uma delas podem explicar determinados aspectos da realidade, tornando-se possível desabsolutizar o correlato porque o único absoluto é a irrazão, a impossibilidade absoluta do ente determinado e necessário⁶⁷. O aniquilamento do ser mulher não pode ser pensado como sendo correlativo ao pensamento da aniquilação, mas sim como a possibilidade aberta da ausência do ente.

Desse modo, a mulher, na ausência do pensamento, é uma diferença biológica contingente, que não tem necessidade de ser assim mais do que de outra maneira. A sua construção deve abandonar o princípio da razão suficiente, porque o absoluto externo que independe do observador é a aleatoriedade, a irrazão. Entretanto, o princípio da não contradição deve permanecer, pois a realidade absoluta é a absoluta contingência das leis naturais, por conseguinte, a eventualidade e o acaso, a ausência de ordem em que nada é impossível, nem mesmo o impensável. Essa é a possibilidade *epistemontológica* aberta para a construção sociossexual da mulher: a aniquilação do ente desconectado do pensamento.

Quanto aos reflexos epistemológicos da ontologia, especula-se que a realidade é a forma possível entre multiversos ou regimes de verdade, a partir da experiência. Sendo variável, existe o paradoxo de indeterminação de contingência das suas proposições, e cada mundo possui critérios de verificação e validade. Se não se pode pensar em uma sexualidade arquifóssil, pode-se ao menos problematizar o programa correlacionista que se configura como “antropocentrismo”, o que levou Quentin Meillassoux⁶⁸ a propor o divórcio do copernicanismo da ciência e o ptolemaísmo da filosofia, quaisquer que sejam as negações nas quais se apoiem este esquema.

A revolução copernicana kantiana é a contrarrevolução ptolemaica da filosofia, porque coloca o homem no centro de novo. A filosofia renuncia à revolução de Copérnico, ao modo não correlacional

⁶⁷ MEILLASSOUX, 2015, p. 101.

⁶⁸ MEILLASSOUX, 2015, p. 204.

de saber da ciência, ao seu caráter eminentemente especulativo⁶⁹, pois, enquanto Copérnico coloca o Sol no centro do sistema e a Terra na periferia, Kant coloca o ser humano no centro do campo do conhecimento e enaltece o sujeito em detrimento do objeto.

Esse fim do casamento abre outras possibilidades para o feminismo: um feminismo não correlacional, que não promova nova ideologização do absoluto, nem ofereça “absolutos substitutivos”. O correlacionismo forte, ao criar nova necessidade do ente, favorece o crescimento do discurso religioso fundamentalista, porque defende a possibilidade de que haja razão absoluta ou oculta. O feminismo, orientado pelo realismo especulativo, longe de naturalizar as diferenças sexuais ou o correlato, por outro lado, apoia-se na ausência da razão última, tornando-a nem pensável e nem impensável⁷⁰. Essa é a única maneira de se livrar do tigre da casa dos Funes, de forma a evitar a volta da filosofia pré-crítica: um feminismo “desantropocentralizado”, que revise os estatutos atuais de natureza e cultura e uma ciência matematizada, que possa descrever o em-si⁷¹.

3. COSMONTOLOGIA FEMINISTA

As cosmogonias contam a história da separação ou divisão entre natureza e cultura, portanto, a passagem do passado pré-cosmológico para o presente cosmológico, o estado do ser em processo contínuo de mudança, no qual as virtualidades e potencialidades estão presentes. Nesse fluxo dinâmico de interpenetrações, rasgado pela história, marca-se a fissura da diferenciação sociossexual entre homens e mulheres, que, em várias concepções mitológicas, é contada, igualmente, pela passagem da natureza à cultura, que serve como sistema purificador para diversas outras diferenciações, correspondentes a essa mesma ambivalência. Especificamente na cosmogonia teológica cristã, que perpassa pelas dimensões biopsicossociais da sexualidade, conta-se a passagem do homogêneo sistema de diferenças infinitas às finitas diferenças entre homens e mulheres. Nos mitos de Adão e Eva e, ainda, nas suas variantes, como nos mitos de Lilith, inauguram-se sistemas de correlação entre feminilidade e

⁶⁹ Cf. MEILLASSOUX, 2015 p. 190.

⁷⁰ Cf. MEILLASSOUX, 2015, p. 105.

⁷¹ Cf. MEILLASSOUX, 2015, p. 106.

masculinidades, estabelecendo o sistema das diferenças quantificáveis, que entoa e domina as verdades, como na palavra de Deus de que “haverá guerra entre os sexos”, “o homem deve dominar a natureza, criando a cultura, enquanto a mulher será eternamente serva do seu desejo, gerando a vida”, diferenças que se repetem na filosofia grega, como alma/corpo e inteligência/emoção⁷².

Nesse recorte, a natureza ou ontologia marca a experiência transcendental, o não instituído, enquanto a cultura ou epistemologia marca a experiência discursiva, instituída. No embaralhamento dessas diferenças, surgem, como já visto, duas possíveis posturas: a primeira, a naturalista ou essencialista, que assinala a natureza das coisas como o espaço antiepistêmico, expressão inanimada de predicados e estados intraduzíveis, que se orienta pela postura objetivista, através da qual *conhecer é o mesmo que objetivar*; e a segunda, a culturalista ou relativista, o espaço epistemológico e construtivo no qual tudo se torna discurso, norte da postura subjetivista, através da qual *conhecer é subjetivar*.

Como na caverna de Platão, o que se vê são sombras e reflexos de verdades. Mas como fugir do paradoxo do essencialismo metafísico? Há saída negociável da caverna de Platão? Há morte ao Pai, ou melhor, é suposto que se deva matar o Pai, tomar o seu lugar? Afinal, quando o ex-prisioneiro retorna à caverna, ele vende verdades! Assume a postura do Pai, o grande detentor da sabedoria e da verdade. Os correlacionismos ainda assumem o papel do Grande Pai, pois, apesar de se proclamarem pós-metafísicos, sustentam-se em amarrações metafísicas de segunda ordem,⁷³ mas estes, de modo cínico, proclamam-se como *ametafísica*, ao invés de aceitarem a sua condição de filosofia da relação.

O paradigma contemporâneo do correlacionismo forte, para falar como Meillassoux⁷⁴, foi importante para a inauguração do “outro”, o rasgo ou o furo do aristotélico universalista, a letra que causa a homofonia e fura a palavra,⁷⁵ a partir da qual foram problematizadas as

⁷² Cf. LEMES DE SOUZA, 2018.

⁷³ Essa não é a exclusividade dos correlacionismos, pois cada época e lugar lidam de forma diversa com o paradoxo da incompletude do sistema simbólico. No atual paradigma, a amarração metafísica é a plurirreferencialidade. Cf. SIMIONI, 2018.

⁷⁴ MEILLASSOUX, 2015.

⁷⁵ Derrida, com o jogo *différence/différance*, explica a passagem da fala ao falo, com o falocentrismo e a desconstrução da sobreposição do homem à mulher. Nesse sentido, o

diferenciações entre dentro/fora, falo/hímen, homem/mulher, cultura/natureza. Mas ele alcançou o ponto do esgotamento, já que, ao inaugurar a linguagem como absoluta, ainda se afirma em um saber primeiro que inaugura o conhecimento.

No romance *borgiano* que inspira este artigo, Ts’ui Pên – poeta, calígrafo, astrônomo, culto governador – isolou-se de tudo por treze anos para compor um livro e um labirinto. Todos achavam que se tratava de duas obras, mas era apenas uma: livro e labirinto eram o mesmo objeto. Nas ficções, quando há bifurcação do caminho, os homens, defrontando-se com diversas alternativas, escolhem uma e eliminam as outras. No caótico romance de Ts’ui Pên, opta-se, de modo simultâneo, por todas as alternativas, que igualmente proliferam e se bifurcam; todos os desfechos ocorrem e cada um deles é o ponto de partida para os demais desfechos. O livro era interminável, pois a última página era igual à primeira e, nele, os silêncios falam mais que as falas. Por isso, o genial romance de Ts’ui Pên tem como tema o espaço-tempo. Se na charada que tem como tema o xadrez, a palavra proibida é o xadrez, na história dentro da história que encontramos *No Jardim das veredas que se bifurcam*, a charada é o tempo, o que proíbe a sua menção, pois “omitir sempre uma palavra, recorrer a metáforas ineptas e a perífrases evidentes, é talvez o modo mais enfático de indicá-la”⁷⁶.

A investigação dos conceitos na matriz *cosmopológica* proposta, diferente do giro metafísico grego, não quer inserir e sustentar realidades, nem mesmo absolutizar realidades substitutas. Os correlacionistas fornecem a realidade substituta através dos correlatos. Do contrário, pressupõe-se que as conceituações inserem formulações de realidade, que, enquanto tempo-história, é singular, mas potencialmente possível de se tornar outra coisa no devir.

As possibilidades *cosmopológicas*, mais precisamente, quanto ao paradigma da mulher e da sua invenção, são investigadas em processos epigenéticos. Hamlin⁷⁷, aplicando o realismo crítico, sugere que não se negue a dimensão epistemológica presente na ontologia, mas que se retome o realismo, que tem sido preterido pela

patriarcado pode ser entendido como o uso da oposição hierárquica entre homem e mulher. Cf. DERRIDA, 2013A; LEMES DE SOUZA, 2018, p. 28-76.

76 Cf. BORGES, 2005.

77 HAMLIN, 2008.

confusão que se faz entre realismo e essencialismo. Ela sugere a abordagem do sexo como uma regularidade empírica, um sistema aberto que se regule por interações com mecanismos sociais, psicológicos e culturais.

Essa proposta se torna particularmente interessante, porque, contemporaneamente, as teorias feministas, de modo geral, compreenderam que as noções pré-kantianas como essências, verdades, dentre outras, deveriam ser substituídas por construção de identidades contingentes, questão aventada por Alexander Galloway⁷⁸, que considera o risco, no realismo especulativo, da substituição do sistema essencialista subjetivista, como o patriarcado, pelo essencialista objetivista, como o absoluto, o infinito, o ser enquanto matemática, dentre outros. Alexander Galloway⁷⁹ avança ainda mais sobre essas questões, ao compreender que o novo realismo, ao desconectar a ontologização de seu caráter político, apesar de colocar essa separação como neutra, não age com neutralidade, pois, além de rejeitar todas as teorias pós-kantianas, também afasta a prática socioconstrutivista que elas comportam, com a inclusão da segunda e terceira onda feminista e, de modo geral, o projeto de política identitário construtivista, questões essas que se relacionam com as implicações prático-discursivas da mudança de cenário.

Quentin Meillassoux, que se notabiliza como uma das resistências mais notáveis ao correlacionismo kantiano, compõe a primeira fase do realismo especulativo, movimento que, apesar de heterogêneo, compartilha da recusa à filosofia pós-crítica⁸⁰, esta que desqualificou o objeto em si por considerar a total dependência das esferas da subjetividade e objetividade. Esse novo realismo, de cunho primeiramente epistemológico, problematizou a relação diferença/diferente, preeminente no cenário pós-Kant, com críticas direcionadas ao construtivismo forte e à dominância do correlacionismo na filosofia contemporânea, tornando-se possível delinear práticas e discursos fora da relação sujeito-objeto, pela indiferença entre as

⁷⁸ GALLOWAY, 2013.

⁷⁹ GALLOWAY, 2013, p. 356.

⁸⁰ O nome do movimento filosófico foi possível no evento *Speculative Realism Workshop*, que reuniu Ian Hamilton Grant, Graham Harman, Quentin Meillassoux e Ray Brassier na Universidade de Londres, em abril de 2007, no Goldsmiths College, unidos por um inimigo em comum: a filosofia pós-crítica. Cf. BRASSIER; GRANT; HARMAN; MEILLASSOUX, 2007, p. 307-450.

esferas da objetividade e subjetividade e encontrando o absoluto não metafísico.

As veredas “especulativas” ascenderam novas formas de compreensão da necessidade de contingência, dando fôlego às ciências humanas,⁸¹ pela problematização da constatação “correlacionista” de que o significativo, que era a palavra, aquilo que se presta aos equívocos, passa à letra, que é absolutizada enquanto puro diferencial, gerando, para falar como Vicente Augusto Gabriel Leite Cevo-lo⁸², identidades pubescentes, ipseidades com centros desconexos e incoerentes.

A partir disso, as diferenças sexuais e a questão da mulher podem ser encaradas como problemas inscritos na temporalidade típica da filosofia: anteriormente, com a ontologia dos sexos e sua respectiva absolutização e, após, com a proscricção da ontologia e a absolutização do correlato, que pode variar, a depender da perspectiva teórica que se adote, sendo os mais comuns na teoria feminista contemporânea as relações de poder, a comunicação, as estruturas, a cultura e o capital. No caso da mulher, na vertente ontológica, pode-se, ainda, pensar pela forma perspectiva: a pluralidade da sexualidade como multinaturalismo ou a pluralidade das culturas sexuais como multiculturalismo⁸³.

Quanto às implicações prático-discursivas aventadas por Galloway⁸⁴, é que se propõe a investigação *cosmontológica* como prática decorrente da investigação epistemológica empreendida por Meillassoux, de cunho nitidamente composicionista: se o único absoluto é a absoluta contingência das leis naturais, os modos de existência e vivências dos corpos e suas múltiplas grafias podem coexistir. A partir dessa nova perspectiva teórica que problematiza o triunfo das considerações epistemológicas do banimento da ontologia, a partir da cisão entre o fenômeno e a *coisa em si*, a análise *cosmontológica* favorece a ascensão de outros modos de existência, porque

⁸¹ Sobretudo, pelo ensaio *Après la finitude*, de 2006, de Quentin Meillassoux, que ascendeu novas formas de compreensão da necessidade de contingência, dando novo fôlego às ciências humanas frente à constatação de Stephen Hawking e Leonard Mlodinow de que a filosofia atual está morta, por não ter acompanhado a evolução da ciência moderna, especialmente da física. Cf. HAWKING; MLODINOW, 2011.

⁸² CEVOLO, 2016, p. 408.

⁸³ VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 30.

⁸⁴ GALLOWAY, 2013.

A cosmologia coloca a pensar aquilo que não se põe em dúvida ou se dispõe à crítica, sem segmentar um feminismo como melhor que o outro: é prática de reconhecimento da finitude e humildade teórica.

permite que se compreendam os gêneros de nova forma: a partir de postulados físicos e metafísicos que criam teias de significados em relação ao indivíduo, que compõem uma anterioridade lógica das ordens social e cultural. Essa ordem cosmológica também se apresenta como epistemologia, aquilo através do qual o mundo se faz conhecer, organiza-se e se totaliza, enquanto o corpo se confere como microcosmo dessa ordem ontológica.

A *cosmologia* coloca a pensar aquilo que não se põe em dúvida ou se dispõe à crítica, sem segmentar um feminismo como melhor que o outro: é prática de reconhecimento da finitude e humildade teórica. Em contrapartida ao correlacionismo, que desloca a contingência da realidade para o sujeito do conhecimento, criando novos absolutos, opomos a *epistemologia* feminista que pensa a *coisa em si* independente do fenômeno, abrindo espaço para nova temporalidade em que as diferenças sexuais são contingenciais. Para falar mais uma vez com Hamlin⁸⁵, pode-se abandonar uma epistemologia com consequências ontológicas (correlacionista) em favor de uma ontologia com consequências epistemológicas (pós-correlacionista), gerando conhecimento que, “ao dar voz a grupos em situação de marginalidade, possibilita não apenas tornar visíveis questões antes invisíveis, mas também empoderar esses mesmos grupos ao considerá-los agentes, participantes do processo de conhecimento”.

Em resumo, na metafísica dogmática pré-Kant ser mulher era ser absolutamente imperfeita, tendo, a partir de Kant, meramente se substituído os absolutos da mulher. No pós-correlacionismo, a partir de Meillassoux, pode-se pensar na mulher como uma possibilidade empírica, sem causa e sem razão, paradoxal contingência, para além da correlação homem/mulher ou das correlações de gênero, típicas do correlacionismo forte: esse sistema epistemológico que não permite pensar a existência da relação para além do absoluto da correlação. Com a abertura a essas grafias e modos de existência, incorporam-se conhecimentos implícitos, inarticulados, desarranjados, normalmente excluídos da ciência social a favor de um monolítico e absoluto correlato: é nas teias ínfimas desses modos de viver o corpo que se mostram as riquezas analíticas dessa nova perspectiva.

⁸⁵ HAMLIN, 2008.

CONCLUSÕES

“Diferentemente de Newton e de Schopenhauer, seu antepassado não acreditava num tempo uniforme, absoluto. Acreditava em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades” (BORGES, 2005).

Como visto, as ciências sociais se encontram em clausura metafísica, coexistindo notadamente duas posições. Em uma delas, na metafísica dogmática, presente nas ciências modernas positivistas, a feminilidade é decorrente da ordem antiepistêmica naturalista, partindo do conceito de natureza, em que a Ciência e a biologia operam a “naturalização” do sexo (Absoluto = Natureza, esta como unidade metafísica). Na outra, na metafísica do correlato, opera-se a “aculturação” do sexo, explicada por processos sócio-histórico-culturais (Absoluto = signo Cultura, esta como pluralidade metafísica).

Em uma, a absolutização da substância, na outra, a absolutização da correlação. Partindo da hipótese desse artigo, a proposta feminista especulativa inaugura humildade teórica, oferecendo novo fôlego ao vencer o paradoxo lógico da metafísica do correlato, que é o fato de que este, ao absolutizar o correlato, faz negar o relativismo mesmo, pois ele se torna uma verdade, um absoluto.

Perante a filosofia especulativa, perde-se o sentido falar em “identidade”, seja ela dogmática (ou essência) ou construída (ou projeto político correlacionista), com a retomada conceitual do gênero, só que de outras formas: como postulados físicos e metafísicos que fornecem teias de significados em relação ao indivíduo, através de “naturezas” ou “culturas”.

Ser mulher não é nem arquivóssil – como se houvesse a possibilidade de reontologização fundamental dos objetos – tampouco correlação, mas sim possibilidade empírica, é ser contingente e não necessidade. Nesse sentido, sexo é constância empírica, pois a propriedade real da coisa é a facticidade, de ser sem razão e sem razão se tornar efetivamente outro, sendo o único absoluto de ser mulher não ter correlato absoluto.

Para cada acontecimento dado na experiência, concebemos diferentes sucessões empíricas, mas, se obtemos os mesmos efeitos, é que

Para o feminismo especulativo ensaiado nesse artigo, gênero pode ser compreendido como uma regularidade empírico-histórica, construção do pensar sobre o ser: convexidade histórica dentre outros multiversos possíveis.

eles advêm das mesmas causas. Quando Hume ou Kant sustentam a necessidade das leis, estão agindo exatamente como um jogador em frente a um dado falsificado⁸⁶, criando a necessidade oculta, porque a necessidade nasce como um dado falsificado que cai sempre do mesmo lado.

O patriarcado no ocidente – embora com suas próprias variações e diferenciações, funciona como esse “falseamento” do dado: se algo é sempre igual, não é porque ele é necessário, mas sim que a naturalização dessa diferença aparece como “razão oculta”. Patriarcado seria, como no exemplo de Hume, a pelota de chumbo aninhada no dado, que faz com que os resultados sejam sempre iguais, gerando falsa naturalização.

Para o feminismo especulativo ensaiado nesse artigo, gênero pode ser compreendido como uma regularidade empírica histórica, construção do pensar sobre o ser: convexidade histórica dentre outros multiversos possíveis. Se nas veredas correlacionistas a mulher como totalização é impensável, no feminismo especulativo a saída aponta para a destotalização do possível – uma hipótese ontológica – que avança para a absolutização do transfinito, conforme tabela comparativa abaixo (tabela 1). Diante dela, um conceito diferente para homem/mulher poderia ser a vivência da diferença corpo/terra, a começar pela destotalização de qualquer diferença, sempre emergente e provisória, proposta pelo o que chamamos de *cosmontologia*, nitidamente híbrida e composicionista: afinal, se o único absoluto é a absoluta contingência das leis naturais, os modos de existência e as vivências dos corpos, com suas múltiplas grafias, histórias etc., podem coexistir.

Ontologia pode ser compreendida como pluralidade de naturezas, descartando a diferença entre Natureza (ou ser/mundo) e Cultura (ou linguagem), pois a cultura é apenas a concepção de certa ontologia. Abandona-se a epistemologia com consequências ontológicas (correlacionista) em nome da ontologia com consequências epistemológicas (pós-correlacionista), gerando conhecimento que pode dar voz aos marginais, o que, das perspectivas “retas” anteriores, não poderia ser observado.

⁸⁶ Cf. MEILLASSOUX, 2015, p. 156.

A mulher, nas veredas pós-correlacionistas, é temporalidade transfinita, possibilidade, destotalização *cosmopológica* que inaugura novos olhares, pela abrangência de todas as possibilidades em séries infinitas de tempo, dentre tantas e tantas veredas.

Tabela 1 – Quadro comparativo da mulher nos paradigmas filosóficos

| Corrente | Período | Mulher | Resumo |
|--------------------------------------------|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pré-Kant | Realismo (com R maiúsculo) | Mulher como essência: Antiepistêmico | Possibilidade e essencialismo do ser (natureza das coisas) e do pensamento |
| Correlacionismo fraco | Kant | Mulher como correlato: Epistêmico | Possibilidade do ser e pluralidade do pensamento (<i>coisa em si</i> é incognoscível, embora pensável) |
| Correlacionismo forte | <i>Pós-Kant</i> | Mulher como correlato: Epistêmico | Impossibilidade do ser e pluralidade do pensamento (<i>coisa em si</i> é impossível) |
| Correlacionismo ultraforte | <i>Différence</i> , Husserl, Wittgenstein e Heidegger | Mulher como correlato: Epistêmico | Impossibilidade do ser e pluralidade do pensamento (<i>coisa em si</i> é impossível), com primazia da correlação. Pluralismo seletivo, porque absolutiza o correlato. |
| Pós-correlacionismo: Realismo especulativo | realismo (com r minúsculo) | Temporalidade transfinita | Possibilidade do ser e pluralidade do pensamento (<i>coisa em si</i> é possível, especulável). Desabsolutização do ser e do pensamento. |

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *O ser e o evento*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: UFRJ, 1996.

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Não há relação sexual: duas lições sobre “o aturdido” de Lacan*. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2013.

BARROS, Manoel de. *O Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In: PINTO, Manuel da Costa. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

BORGES, Jorge Luis. O jardim de veredas que se bifurcam. In: _____. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2005.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo I: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BHASKAR, Roy. *A realist theory of science*. 2. ed. Brighton: Harvester, 1975.

BRASSIER, Ray; GRANT, Ian Hamilton; HARMAN, Graham; MEILLASSOUX, Quentin. “Speculative Realism”. In: MACKAY, Robin (Ed.). *Collapse: Philosophical Research and Development* (3). Falmouth: Urbanomic, 2007. p. 307-450.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 8. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CEVOLO, Vicente Augusto Gabriel Leite. “As sombras vazias”. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, v. 32, n. 1, p. 405-416, jan./jun. 2016.

CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. Tradução de Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Points de suspension: entretiens*. Paris: Galilée, 1992.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Esporas: Os estilos de Nietzsche*. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU, 2013A.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013B.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FEYNMAN, Richard P.; HIBBS, Albert R.; STYER, Daniel F. *Quantum Mechanics and Path Integrals: Emended Edition*. Mineola, New York: Dover Publications, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FRASER, Nancy. *Justice Interruptus: critical reflections on the “postsocialist” condition*. New York & London: Routledge, 1997.

GALLOWAY, Alexander. “The Poverty of Philosophy: Realism and Post-Fordism”. *Critical Inquiry*, v. 39, n. 2, winter 2013. Chicago: The University of Chicago Press. 2013. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/668529>>. Acesso em: 22 de julho 2018.

GÖDEL, Kurt. *On formally undecidable propositions of principia mathematica and related systems*. Tradução de B. Meltzer. New York: Dover Publications, Inc., 1992.

HAMLIN, Cynthia Lins. “Ontologia e gênero: realismo crítico e o método das explicações contrastivas”. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 71-81, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. O grande projeto: novas respostas para as questões da vida. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis/RJ: Vozes. Bragança Paulista/SP: Universitária São Francisco, 2003.

HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. London: Pluto Press, 2000.

KOLLONTAI, Alexandra. *Selected writings*. London: Allison & Busby, 1977.

LATOURL, Bruno. *Nous n'avons jamais été modernes*. Essai d'anthropologie symétrique. Paris: La Découverte, 1991.

LEMES DE SOUZA, Ana Paula. *As tranças de Lilith: feminismo, direito e democracia*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

LUHMANN, Niklas. "Frauen, Männer und George Spencer Brown". In: *Zeitschrift für Soziologie*, Jg. 17, Heft 1, Februar 1988. p. 47-71.

MARRAS, Stelio. "Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 250-266, abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145647/139593>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2018.

MEILLASSOUX, Quentin. *Time without becoming*. Edited by Anna Longo. Place of publication not identified: Mimesis International, 2014.

MEILLASSOUX, Quentin. *Después de la finitud: Ensayo sobre la necesidad de la contingencia*. Edición a cargo de Florencio Noceti, con prólogo de Alain Badiou e traducción de Margarita Martínez. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PLATÃO. *O banquete; ou Do amor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

POPPER, Karl Raimund. *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes*. Mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

STENGERS, Isabelle. "The Cosmopolitical Proposal". In: LATOURL, Bruno; WEIBEL, Peter (Eds.). *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. Cambridge: MIT Press, 2005. p. 994-1004.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. "O segredo de Kelsen: resenha de um livro imaginário sobre o fim do neoconstitucionalismo no direito brasileiro". *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife*, [S.l.], v. 90, n. 1, p. 110-136, jun. 2018. ISSN: 2448-

2307. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/view/230674/29131>>. Acesso em: 08 de agosto 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, n-l edições, 2018. Google Livros/Páginas originais.